

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário do Gde ABC Class.: 1391

Data: 31.08.80 Pg.: \_\_\_\_\_

Nos limites do Grande ABC - VIII

190

Áreas abandonadas pelas autoridades foram privilegiadas pela natureza



Dierá, jovem índia



Muitas crianças encontram-se entre os índios guaranis junto a Billings



Índiazinhas Keretchu

Texto: Antonio MIGUEL  
Fotos: João COLOVATTI

De um lado, as estradas de Taquacetuba e Curucutu do núcleo Santa Cruz de Riacho Grande. Do outro, Bororé, Colônia, Água Limpa, Barragem, a estrada das Castanheiras e a Vila da Nova Esperança. No meio a represa Billings serve como marco na divisa entre os municípios de São Bernardo e São Paulo. Ao lado, nas estradas,

no meio das matas ou dentro de pequenas casas e barracos os dramas e histórias dos seus habitantes. A angústia do pescador que impotente assiste a poluição matar os peixes, sua fonte de renda. O desencanto dos índios guaranis que há 20 anos tentam fugir do contágio da civilização e a esperança dos migrantes protegidos pelo padre Alberto que numa ânsia louca procuram aprender tudo que é ensinado nos cursinhos de três meses para concretizarem o sonho de todos: a riqueza.

Um mundo de desencanto e esperanças, tristezas e alegrias começa nesta linha imaginária, limites do Grande ABC, distante 25 quilômetros do centro de São Bernardo e 36 do marco zero da praça da Sé. Uma área abandonada pelos poderes públicos, mas privilegiada pelas belezas naturais.

de os lares dos moradores da colônia na mesma proporção que a poluição acaba com tudo. "Nasci nas margens desta represa há 29 anos, cresci, casei e pensava em envelhecer tirando da represa as necessidades básicas da família", contou ele. Comentou que as águas começaram a ficar cor de rosa e azul há uns cinco anos. "A água dessa cor, que vira espuma, quando o barco passa, aos poucos foi tomando conta de toda a represa e quando ela chega os peixes morrem". A situação ficou mais grave de um ano para cá quando até mesmo a cabeceira da Billings foi atingida pela poluição e os 60 quilos de pescados capturados em 100 metros de rede foram diminuindo até chegar a quantidade atual: "Uns três quilos por dia", lamentou Antonio.

Do centro de Riacho Grande, seguindo pela estrada Rio Abaixo, passando pelo ponto de balsas João Basso, chega-se até a estrada de Taquacetuba e por ela até a margem direita da represa Billings, o último ponto do limite de São Bernardo com São Paulo. Neste local uma balsa metálica de 25 metros e com capacidade para 60 toneladas une os moradores dos dois lados durante 24 horas por dia. Esta balsa significa para eles muito mais do que a condução para se transportar os 804 metros da Billings naquele trecho: é a solução para todos os seus problemas, é a salvação. No ponto de balsas da Light funciona o único telefone existente numa área de cerca de 10 km<sup>2</sup>, o rádioamador que serve os moradores quando eles necessitam de socorros urgentes e muitas vezes, segundo os moradores, as viaturas desta empresa servem de condução para o transporte da criança doente ou da mulher grávida até os hospitais mais próximos: Zona Sul em São Paulo e Hospital São Bernardo situados 30 e 25 quilômetros de distância da população da represa Billings.

Outros pescadores que se reúnem no Bar do Dito afirmaram que atualmente a represa fornece cerca de 500 quilos de peixes por dia que são vendidos para o Ceasa de São Paulo. Contaram ainda que a carpa, lambari, saguru, são os peixes mais vulneráveis à poluição e que agora são encontrados apenas nas águas dos rios Curucutu e Colônia. O peixe que suporta a poluição é a tilápia, explicou o ex-pescador e atual motorista de táxi Manoel Bento Macedo.

Padres ensinam migrantes no Sítio da Esperança

Assim, nada mais lógico do que as distâncias nesta região serem medidas pela localização dos pontos de balsa. E, ao lado do pontilhão número dois, ligação núcleo Santa Cruz com Bororé, fica localizado o chamado Sítio da Esperança dos Migrantes, uma subseção da Casa dos Migrantes de São Paulo mantida pelos padres da igreja Nossa Senhora da Paz, do bairro do Glicério, na capital.

Nove famílias de índios guaranis/cacique pede cigarros/bebe aguardente/feiticeiro morreu/ficam remédios/

Dierá, Ará, Narijú e a pequena Keretchu correm ao encontro dos estranhos que entram na picada que conduz às suas ocas localizadas no Bororé, cabeceira da represa Billings, divisa de São Paulo com São Bernardo, gritando e levando nas mãos o embará-ká e engura-pá (arcos e flechas). Seus gritos e sua corrida são interrompidos pela chegada de Karai, o chefe das nove famílias de índios guaranis que há vários anos habitam o local.

Esse sítio fica localizado em cima de uma elevação, ao lado da represa Billings e de sua pequena casa principal, que atualmente serve de alojamento para 19 migrantes, avista-se uma paisagem fascinante cortada pelas águas da represa e contornada pela exuberante vegetação do início da Serra do Mar. Dentro dos limites deste sítio 19 pessoas aprendem a trabalhar com tijolos, com a massa, com as madeiras preparando-se num rápido curso de três meses para disputar uma vaga na construção civil. São homens cansados que um dia resolveram deixar suas terras, suas casas, suas famílias no Nordeste e seguir para a região da Grande São Paulo numa tentativa de realizarem seus sonhos de ambição.

Karai, que usa agora o nome branco de Nivaldo Martins da Silva, após pedir cigarros e beber um gole de aguardente mostra através de gestos e palavras o desencanto que acabou por transformar os antes orgulhosos guaranis em simples mendigos das margens da Billings. "Nossa gente foge da sua há 20 anos e nós fugimos da civilização que a Funai nos ensinou na reserva indígena do rio das Cobras no Paraná e viemos para cá à procura do direito de viver", declarou Karai. Acrescentando que tinham intenção de chegar até Bertiooga, mas acabaram parando por ali há vários anos e agora tentam ganhar a vida vendendo os arcos, flechas, e enfeites indígenas pelas ruas de São Bernardo ou no centro de São Paulo.

"Viajei três dias e três noites para chegar na terra prometida, entretanto a partir da rodoviária do Glicério nos perdemos e acabamos como mendigos". A afirmação de José Pereira Brás, 20 anos, baiano de Arapiraca, resume o drama comum de quase todos os migrantes que sem preparo profissional tentam vencer na cidade grande e após alguns dias, sem dinheiro acabam engrossando as fileiras dos pedintes.

Segundo o cacique, a tribo de índios, que mora na periferia da quarta maior capital do mundo, perdeu há muito todas as suas características nativas. "O feiticeiro morreu e a gente depende dos remédios dos brancos e quando alguém adoecer somos obrigados a caminhar dezenas de quilômetros até o Hospital São Paulo localizado na rua Frei Caneca, proximidades da avenida Paulista em São Paulo", afirmou o cacique, esclarecendo que esse é o único hospital que os atende e que lhes dá remédios. Eduardo Martins da Silva, pai do cacique, é o ancião da tribo e contou as dezenas de vezes que dormiu na porta do escritório da Funai em São Paulo. "Chorei e implorei ajuda, mas eles dizem que não querem saber de índio por lá", disse.

Entretanto, os 19 migrantes protegidos pelos padres da igreja Nossa Senhora da Paz afirmam que tiveram sorte. "Já pensava em assaltar para arrumar dinheiro para comer, mas passei em frente à igreja, entrei e uma moça (assistente social) encaminhou-me para a Casa do Migrante e depois vim para cá aprender a trabalhar para ganhar dinheiro", conta o cearense de Fortaleza Airtom Gomes de Lima, 25 anos, casado. As histórias são semelhantes. "Cheguei em São Paulo e fui roubado; sem documentos pedi ajuda e vim recomeçar a minha vida a partir do que estou aprendendo aqui", contou João Dias, baiano da cidade de Brumado.

Ará, Dierá e Narijú, mulheres índias também participaram da conversa e contaram que a única comida que conseguem é aquela que o povo dá. As panelas na maior parte das vezes ficam cheias de inhame e água da represa, enfatizaram. Para esses índios, transformados em mendigos pela civilização da qual fugiram não existe mais esperanças. Escreve moço, sobre os desencantos dos guerreiros guaranis, pediu o já embriagado cacique Karai ao repórter.

100 metros de rede pegavam 60 kg de peixe

No meio da represa, no centro da linha imaginária do limite entre São Bernardo e São Paulo, a pequena embarcação do pescador balança ao sabor das pequenas ondas levadas pelo vento forte. Seu nome é Antonio da Silva, 29 anos, casado, um filho. Ele relembrou a vida de pescador de anos passados do tempo que tinha peixe no rio Pinheiros. Antonio da Silva lastimou que hoje a poluição acaba rapidamente com todos os tipos de peixes que naquele tempo serviam para alimentar mais de 100 famílias da colônia de pesca local.

No retorno, o guarda de segurança José Francisco da Silva Filho, que há nove anos reside nos limites de São Bernardo com São Paulo, traçou um triste perfil da região de belas paisagens, mas totalmente abandonada pelos poderes públicos. "A escola para as crianças fica localizada há vários quilômetros, 45 minutos a pé; a venda de gêneros alimentícios também é longe e até igrejas não existem por aqui, um lugar esquecido até por Deus", afirmou.

Falando rápido, às vezes até em desespero o pescador Antonio conta a angústia que inva-

de Mais adiante, a balsa metálica três, vai retornar e transportar novamente a linha imaginária dos limites do Grande ABC.